

A GUERRA SANTA

Farsa em 1 acto de LUÍS STTAU MONTEIRO. Publicada (e proibida) em 1966.

Representada pela primeira vez pelo grupo de amadores «Teatro Experimental de Torres Vedras», em 1977.

[...]

Cena única: um campo de batalha.

Encenador entra no palco e explica por que resolveu dedicar-se ao teatro. Com o apoio do Contra-Regra vai descrevendo a acção da peça ao mesmo tempo que a faz nascer e evoluir no palco. A peça que o Encenador pretende pôr em cena inicia-se com um diálogo entre o General e a Mulher, prosseguindo com uma discussão em que intervêm Outro General, o Oficial Zero-Zero-Zero, o Oficial da Armadura Medieval, outros generais e outros oficiais, o Ponto, o Encenador e outras personagens. A peça põe a guerra em questão, utilizando para isso as armas do grotesco e corroendo pelo ridículo o significado de valores convencionais como a Pátria, a Glória, a Honra militar, etc. Os Generais e os Oficiais, bem como suas Mulheres, simbolizam o espírito de lucro que a guerra implica nesta visão do Autor. Quanto aos mortos, neles ninguém pensa: pode ser essa uma das conclusões da peça.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, p. 205.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.